



# **A** CTAS DA VI REUNIÃO INTERNACIONAL DE CAMONISTAS

Seabra Pereira  
Manuel Ferro  
Coordenação

## FRIEDRICH SCHLEGEL E CAMÕES

Ao contrário do que acontece noutros países europeus, Camões é ainda praticamente desconhecido no espaço cultural de expressão alemã em finais do séc. XVIII. A recepção de Camões na Alemanha recebe um grande impulso somente no início do séc. XIX, graças à admiração entusiástica de Friedrich Schlegel (1772-1829), um dos grandes iniciadores do movimento Romântico alemão, que inaugura um período extremamente fértil de recepção e tradução do poeta português e que é, ainda hoje, considerado o seu descobridor na Alemanha (cf. Walzel, 1938).

Friedrich Schlegel inicia os estudos da língua e literatura portuguesas provavelmente no Inverno de 1800-1801, na sequência do seu profundo interesse pelas culturas românicas da Idade Média que, para ele, davam expressão à espiritualidade e fantasia intimamente ligadas à vivência mística do Cristianismo antes da Reforma. Segundo Schlegel, estas estariam ausentes na sua própria época, dolorosamente concebida como imperfeita e culturalmente decadente. A procura de outras paisagens culturais insere-se ainda no esforço de constituição, por parte de Schlegel, de um sistema filosófico global, que deveria abranger as mais diversas manifestações da cultura numa síntese o mais próxima possível do ideal da unidade original do Universo – a *Poesia Universal Progressiva* (cf. Behler, 1985, 200). Na sequência de Novalis e Tieck, Schlegel reencontra na Europa cristã anterior à Reforma o último reduto da unidade espiritual perdida e procura restaurar a consciência cultural europeia como primeira síntese cultural necessária. Em 1803 viaja para Paris, que considera o centro vivo da Europa e onde espera adquirir conhecimentos mais profundos das literaturas românicas. A revista *Europa*, que edita na capital francesa de 1803 a 1805, entre outros projectos, pretende aproximar culturalmente a Alemanha e a França – para Schlegel, o eixo primordial de uma unidade futura (cf. Lützel, 1992, 46). Os conhecimentos das literaturas modernas adquiridos em Paris confirmam uma mudança de perspectiva nos estudos de Schlegel, que passam a centrar-se nas literaturas românicas em vez da clássica. É das literaturas românicas que o crítico alemão faz derivar um novo critério para avaliação das obras literárias: a descoberta de um período fértil da História da literatura, que privilegiava o romance como um género que se coadunava com o seu ideal de Universalidade, representado de forma exemplar no *Don Quijote* de Cervantes (cf. Blanco Unzué, 1981, 375, Brüggemann, 1964, 242), faz surgir no pensamento de Schlegel a nova categoria do *Romântico*. O crítico alemão passa a valorizar todas

as obras que, na riqueza e diversidade do conteúdo e das formas de expressão, bem como na dissolução das fronteiras genéricas tradicionais, se aproximam do romance, entendido como uma síntese com ambição de totalidade, tal como a *Poesia Universal Progressiva* (cf. Eichner, 1985, 174, Schanze, 1985, 385). Schlegel é um europeu e cosmopolita consciente que, apesar de tudo e sem nunca esquecer o próprio país, quer contribuir para o renascimento e afirmação culturais da Alemanha sob ocupação napoleónica, através da divulgação de outras culturas (cf. E: 49-50). O seu patriotismo saudável transformar-se-á posteriormente num nacionalismo mais profundo, que tem expressão na procura do Germanismo, na nostalgia do Sacro Império Romano-Germânico de Nação Alemã, como emblema e símbolo utópico da unidade e identidade nacionais perdidas, e na suposta redescoberta do mesmo quando o próprio Schlegel fixa residência em Viena em 1808. A conversão ao Catolicismo (1808) e o apoio ao sistema de Metternich são também provas de uma viragem conservadora, que, para além disso, se torna evidente nas suas obras de História da Literatura. Nas lições, proferidas em Viena, sobre *Geschichte der alten und neuen Literatur (História da Literatura Antiga e Moderna)* (1812), Schlegel substitui critérios estéticos por critérios religiosos e éticos, centrando-se no elemento nacional e cristão como base da avaliação e inserção no cânone de obras e autores. A evolução do romântico alemão, esboçada acima, reflecte-se na sua caracterização do épico português Camões, que se pode encontrar, essencialmente, em quatro textos: no artigo “Beiträge zur Geschichte der modernen Poesie und Nachricht von provenzalischen Manuskripten” (*Contribuições para a História da Poesia Moderna e Notícia de Manuscritos Provençais*), dirigido a A. W. Schlegel e publicado em 1803 na *Europa*, nas lições de Paris sobre “Geschichte der europäischen Literatur” (*História da Literatura Europeia*) (Fevereiro de 1804), num soneto dedicado a Camões, escrito em 1802 em Paris e publicado em 1807, e nas supramencionadas lições de Viena (1812).

Os textos teóricos do período de Paris são extensamente idênticos, apesar de as diferenças ocasionais remeterem já para alguma evolução. No artigo da *Europa*, Schlegel acentua as dissimilaridades das literaturas portuguesa e espanhola, enquanto que, nas lições, engloba as literaturas ibéricas num todo que contrasta com a italiana (cf. PLG: 154). Aqui, Camões é enquadrado entre os escritores espanhóis e caracterizado através de elementos idênticos – um facto que nos obriga a considerar brevemente a descrição da literatura espanhola - que surge para Schlegel como o emblema do *Romântico*.

“Simples”, “natural”, “sem artifícios”, “musical”, “suave” e “idílico” são adjectivos que Schlegel escolhe repetidamente em ambos os textos para caracterizar as origens da poesia espanhola (cf. E: 54-5, PLG: 154). Nas lições, esta aparece como a expressão espontânea e autêntica das vivências de cavaleiros e soldados – em si já poéticas, porque penetradas da espiritualidade dos ideais de cavalaria como o amor e a honra – e opõe-se às criações conscientes e artificiais dos artistas eruditos italianos (cf. PLG: 154, 156). A ligação íntima entre a vida e a poesia, própria dos espanhóis, constitui nas lições de Schlegel o cerne da sua definição de *Romântico*. O elemento nacional já intervém aqui, uma vez que a literatura medieval espanhola é vista por Schlegel mais como um produto espontâneo, natural e vivo do espírito nacional, do que de alguma individualidade particular, ou da arte como algo de construído e supra-nacional:

“Es war die Epoche der Naturpoesie [...]. Sehr einfache, kunstlose, aber höchst gefühlte, zarte, musikalische Lieder, ganz kastilianischen Ursprungs, von denen man kaum die Verfasser weiß, da nirgends die eigene Individualität sich offenbart, erscheinen als eine allgemein verbreitete Gattung, in der sich der poetische Geist der Nation äußert. Es ist mehr die eigentümliche Blüte, das Naturprodukt jenes Bodens als das der Kunst. [...] Wenn man mit Rücksicht auf die ganz kunstlose, ganz natürliche ältere spanische Poesie auf das sieht, was nach der allgemein herrschenden Ansicht den Begriff des Romantischen bestimmt, so wird dieses im Gegensatz des Klassischen sich erklären lassen als die Vereinigung der Poesie und des Lebens - als eine Poesie, die mit dem Leben eins zu werden sucht, wo das Leben ganz poetisch, die Poesie ganz lebendig ist.” (PLG:154-156)

“Era a época da poesia da Natureza [...]. Canções muito simples, sem artificios, mas extremamente sentidas, suaves, musicais, todas de origem castelhana, das quais se ignora praticamente os autores, porque em parte alguma há uma personalidade que se revela, aparecem como um género largamente difundido, no qual se expressa o espírito poético da Nação. É mais o florescer muito próprio, o produto natural daquele solo, do que da arte. [...] Se, tendo em conta a poesia espanhola mais antiga, completamente sem artificios e totalmente natural, considerarmos aquilo que, segundo a concepção dominante, define o conceito de romântico, este poder-se-á explicar, em oposição ao conceito de clássico, como a união da poesia e da vida - como uma poesia, que se tenta fundir com a vida, onde a vida é toda poética e a poesia é totalmente viva.”)

“Simples”, “ingénua”, “suave”, “grácil” e “sentida”, como a língua portuguesa e como a poesia espanhola, é, para Schlegel, também a lírica de Camões que, apesar de, na sua opinião, constituir uma síntese de todas as qualidades do português, só lhe merece uma curta referência em ambos os textos (cf. E: 63, PLG: 157). É a *Os Lusíadas*, o grande poema épico de Camões, que Schlegel dedica a maior parte das suas considerações.

*Os Lusíadas* são, na opinião do crítico, «...uma epopeia no verdadeiro sentido da palavra [...] o único poema heróico nacional da Modernidade, mesmo se nesta incluímos os antigos mais tardios» (PLG:157-8). Tanto num como noutro texto, Friedrich Schlegel situa o poema camoniano ao nível das epopeias homéricas, considerando Camões um verdadeiro épico, superior a Virgílio e a qualquer outro poeta, à excepção do grego. O imenso valor do poema resulta, em primeiro lugar, da escolha feliz do assunto – a descoberta do caminho marítimo para a Índia – que, para além de ser, segundo Schlegel, o maior acontecimento da História Moderna, permite também a Camões uma narrativa extremamente pessoal e vivida, baseada nas suas próprias aventuras como soldado e cavaleiro na parte oriental do Império português (cf. E: 63, PLG: 159). À semelhança do que fizera relativamente aos poetas espanhóis, Schlegel salienta n’*Os Lusíadas* a ligação íntima entre a vida e a poesia que é, como vimos, a essência do *Romântico*. A riqueza de conteúdo, a verosimilhança das descrições, o heroísmo autêntico e o patriotismo profundo só poderiam ser o produto imediato das experiências reais de um espírito semelhante ao dos cavaleiros medievais (cf. PLG: 159).

Para Schlegel, os ideais de cavalaria ainda estão presentes em Camões, um homem moralmente superior e extremamente patriota, que confere à sua obra – «*ein Jugendbuch für Helden*» (“um livro juvenil para heróis”) – um valor ético considerável (cf. E: 64). Na revista *Europa*, Schlegel apresenta Camões como um intérprete privilegiado do espírito nacional, já que até o seu percurso biográfico reflecte a História do país: ao fim infeliz do poeta corresponde a decadência de Portugal, imediatamente após uma época gloriosa e a publicação da epopeia – o único monumento da glória perdida, que mantém viva a nação entretanto caída no esquecimento (cf. E: 64). O romântico que sofre, ele próprio, com a ocupação estrangeira da sua pátria, denota já aqui, bem como no soneto *A Camões*, uma empatia clara pelo triste destino dos portugueses, bem como pela vida do poeta, em parte lendária e marcada pelas ironias do destino, que só daria a conhecer a dor e o sofrimento ao eternizador da glória nacional. O poema de Camões, que canta e lamenta simultaneamente a pátria, adquire os traços de uma tragédia e é invocado, através do recurso recorrente ao episódio do naufrágio no soneto, como modelo para o salvamento literário da cultura alemã na tempestade provocada pelo inimigo estrangeiro (vgl. E: 64):

“Sei, Camöens, denn mein Vorbild! Laß mich’s wagen  
Des deutschen Ruhms Urkunde aus den Wogen  
Empor zu halten, an die Rettung glaubend.” (Schlegel, 1962: 311)

(“Sê, Camões, portanto o meu modelo! Faz com que eu ouse  
Erguer das vagas o testemunho da glória alemã  
Acreditando na salvação!”)

Para justificar o elevado elogio que concede a Camões, Schlegel sente-se obrigado, nas lições de Paris, a definir o conceito de “epopeia”. Segundo o crítico alemão, a epopeia caracteriza-se sobretudo por ser uma narrativa em verso que abrange toda a evolução histórica de um país e que se constitui numa síntese da mesma, no sentido do ideal romântico da poesia universal progressiva. Na verdadeira epopeia aprecia Schlegel a ambição de totalidade semelhante ao romance, a fusão organizada, concentrada e uma dos mais diversos elementos da cultura e da vida de uma nação. Esta fusão fora possível a Camões, ao contrário dos gregos ou alemães, devido à unidade política e cultural de Portugal:

“Nennen wir epische Gedichte alle, die in einer erzählenden metrischen Form alte Fabeln von Helden uns vorsingen, so sind die Grenzen und die Form noch nicht genau bestimmt. [...] Es braucht dann kein umfassendes Werk, kein großes System zu sein. Ein historisches Gedicht aber, was die heroischen Traditionen einer Nation allumfassend behandeln soll, muß notwendig *ein* Werk, ein großes Ganzes sein, damit alles im Mittelpunkt konzentriert werden könne, und kann daher in keiner anderen als der epischen Form vorgetragen werden. [...] Camões erreichte vollkommen seinen großen Zweck, alles Ruhm- und Preiswürdige, was die Geschichte seiner Nation aufweist, in einem umfassenden epischen Gedichte darzustellen. Sein Gedicht ist das vollkommenste epische.” (PLG:158)

“Se chamarmos poemas épicos a todos aqueles que nos cantam fábulas antigas de heróis numa forma narrativa e métrica, não estamos ainda a definir com exactidão os limites e a forma. [...] Nesse caso, o poema não tem de ser nenhuma obra abrangente, nenhum grande sistema. Contudo, um poema histórico que pretenda tratar na totalidade as tradições heróicas de uma nação tem de ser necessariamente uma obra, um todo muito grande, para que tudo possa ser concentrado no seu cerne, e não pode, por isso, ser composto de uma forma que não seja a épica. [...] Camões atingiu de forma perfeita o seu objectivo grandioso de apresentar num poema épico abrangente tudo o que de glorioso e louvável a História da sua Nação apresenta. O seu poema é o épico mais perfeito.”)

*Os Lusíadas* são, por fim, também um exemplo da síntese, que, para além de Camões, só se encontra em Homero, da poesia épica com a interpretação mítica do mundo, apreciada pelos românticos por ter lugar na fantasia, por eles considerada o órgão privilegiado de apreensão do mundo (cf. E: 65, PLG: 158). No artigo da *Europa*, Schlegel defende a mistura das mitologias pagã e cristã, criticada pelo menos desde Voltaire, considerando-a uma linguagem alegórica bela e rica que vem ao encontro dos seus desejos de uma renovação da literatura alemã através da fusão da Antiguidade com a Modernidade (cf. E: 66).

A maior parte da caracterização de Camões descrita acima torna a surgir em 1812, nas lições de Viena. Porém, Schlegel coloca esta obra ao serviço das suas convicções religiosas e políticas, substituindo critérios estéticos por critérios éticos e sujeitando-se mesmo à censura dos seus contemporâneos, que a classificam de escrito partidário. As literaturas românicas, agrupadas na décima primeira lição sob a designação de “Literatura dos Povos Católicos”, são valorizadas sobretudo como exemplos primordiais da espiritualidade e fantasia próprias do misticismo católico, que conferiam uma unidade cultural à Cristandade, antes da Modernidade crítica e racionalista, que tem início com a Reforma. Esta é uma ideia presente já nos textos de Paris mas salientada com muito maior veemência em Viena. A literatura espanhola, que Schlegel prefere não distinguir grandemente da portuguesa, continua a ser apreciada pela estreita ligação entre a vida e a poesia, não surgindo, contudo, como símbolo do *Romântico* e sim do *Nacional*. Enquanto que Schlegel, nas lições de Paris, definira o conceito de “Romântico”, defende agora, partindo de uma perspectiva ética e religiosa, o elemento nacional como decisivo para a formulação de juízos literários:

“Es gibt aber noch einen andern, viel einfachern Standpunkt für den Wert einer Literatur und aus dem sich die Frage ungleich leichter und sichrer entscheiden läßt. Dies ist der moralische Gesichtspunkt, der alles darauf bezieht, ob eine Literatur durchaus national, der Nationalwohlfahrt und dem Nationalgeiste angemessen ist. In dieser Hinsicht wird fast jeder Vergleich zum Vorteil der Spanier ausfallen.” (WLG:263)

“Há ainda, porém, uma outra perspectiva, muito mais simples, para julgar o valor de uma literatura e a partir da qual a questão se pode resolver de uma forma muito mais fácil e segura. Esta é a perspectiva moral que relaciona tudo

com o facto de uma literatura ser ou não nacional ou adequada ao bem-estar e espírito nacionais. Sob este ponto de vista, qualquer tipo de comparação resultará a favor dos espanhóis.”)

Como expressão do sentimento nacional, a literatura espanhola também é moral e religiosa e adequa-se, portanto, ao renascimento da espiritualidade na Modernidade decadente e, sobretudo, à restauração da identidade alemã esquecida – uma ideia que passa para primeiro plano nas lições de Viena (cf. WLK: 264).

Nesta obra, Camões é novamente elogiado pela escolha feliz do assunto, pelo carácter abrangente, pela riqueza e pelo estilo vivido do seu poema (cf. WLK: 266). Conservando as qualidades que lhe tinham sido atribuídas em Paris, Camões distingue-se, agora, pelo elemento nacional: *Os Lusíadas* surgem como síntese da literatura portuguesa na sua totalidade e como única fonte possível de patriotismo de uma nação decadente. O épico português é comparável a Homero somente porque o seu povo o admirava numa medida semelhante:

“Es umfaßt die ganze Poesie seines Volks; unter allen Heldengedichten der alten und der neuen Zeit, ist keines in dem Grade national, und niemals ist auch seit dem Homer, ein Dichter von seiner Nation in dem Maße verehrt und geliebt worden, wie Camoens, so daß sich alles noch übrige Gefühl des Vaterlandes, bei dieser gleich nach ihm von ihrer Herrlichkeit herabgesunkenen Nation, fast an diesen einen Dichter heftet, der ihr und uns mit Recht statt vieler andern Dichter und einer ganzen Literatur gelten kann.” (WLK:266)

(“ [O poema] abrange toda a poesia do seu povo; entre todas as epopeias da Antiguidade e da Modernidade, nenhuma é tão nacional e nunca, desde Homero, um poeta foi tão venerado e amado como Camões, de tal maneira que, nesta nação que se despenhou do cume da sua glória imediatamente após a morte do seu épico, quase todo o patriotismo sobranse se prende a este único poeta que, com razão, para ela e para nós, vale por muitos outros poetas e por uma literatura inteira.”)

Para poder manter a coerência do seu critério religioso e, simultaneamente, elogiar uma obra que faz uso do maravilhoso pagão, Schlegel omite todas as referências à controversa mistura de mitologias. Por fim, o crítico concede a Camões a primeira posição entre os épicos, sem, no entanto, deixar de reconhecer a subjectividade dos seus próprios juízos:

“Ich darf also nicht mehr hinzusetzen, daß unter jenen drei großen epischen Dichtern der Neuern, dem Ariost, Camoens und Tasso, dem zweiten nach meinem Gefühle die Palme gebührt. Doch gestehe ich, daß bei solchen Urteilen das persönliche Gefühl, mehr oder minder mitwirkt...” (WLK: 269).

(“Já não preciso, portanto, de acrescentar que, de entre os três grandes poetas épicos da Modernidade, Ariosto, Camões e Tasso, é o segundo que, a meu ver,

leva a palma. Porém, confesso que o sentimento pessoal também interfere, com maior ou menor intensidade, neste tipo de juízos...”)

A recepção camoniana de Friedrich Schlegel é marcada pela evolução pessoal do crítico. Na primeira fase, cosmopolita e romântica, Camões surge como um grande épico, o criador hábil de uma síntese global da História da sua nação, um poeta e patriota para o qual a vida e a poesia eram indissociáveis - isto é, como um poeta que merece o epíteto de *romântico*, na concepção schlegeliana do termo. Ao elemento nacional era atribuída já bastante importância, uma vez que Schlegel pretendia sobretudo enriquecer a cultura alemã através de exemplos de outras nações e fazer renascer um sentimento nacional desvanecido. É por este motivo que o crítico alemão salienta o papel desempenhado por Camões na perpetuação da identidade nacional através da literatura. A preferência pelo Cristianismo místico anterior à Reforma, que conferia à Europa uma união perdida desde então, bem como a ânsia por uma unidade, primeiro europeia e, depois, progressivamente universal, aparecem já em Paris e correspondem à insatisfação num presente sentido como espiritualmente vazio. Devido aos condicionalismos políticos da época assistimos, em Viena, a uma exacerbação do patriotismo e do catolicismo provenientes da fase de Paris. O desejo de libertação da Alemanha e de uma renovação ética da sua época motivam a substituição de critérios estéticos por critérios nacionais e ético-religiosos na crítica literária por parte de Schlegel. Caracterizado essencialmente como *romântico* em 1804, Camões aparece, em 1812, sobretudo como o poeta nacional de um povo católico – um poeta nacional modelar, em grande parte porque constitui, na visão do próprio povo, a referência essencial da sua identidade, sobrepondo-se à restante literatura portuguesa.